

**TECENDO CONSIDERAÇÕES SOBRE
O CURRÍCULO AO DISCUTIR GÊNERO
E SEXUALIDADE COM DOCENTES DE
BIOLOGIA**

**WEAVING CONSIDERATIONS ABOUT
CURRICULUM IN DISCUSSION
ABOUT GENDER AND SEXUALITY
WITH BIOLOGY TEACHERS**

**TEJIENDO CONSIDERACIONES
SOBRE EL PLAN DE ESTUDIOS
CUANDO SE HABLA DE GÉNERO Y
SEXUALIDAD CON LOS PROFESORES
DE BIOLOGÍA**

Resumo: O presente artigo é resultado de uma pesquisa no campo do currículo, cujo objetivo foi compreender como o currículo praticado por professores e professoras de Biologia aborda as questões de gênero e de sexualidade. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, na qual os dados foram produzidos por meio de entrevistas semiestruturadas, com cinco professores/as, e analisados por meio da Análise Textual Discursiva. Ao colocar como foco da análise o currículo praticado e sua relação com o livro didático, os resultados demonstram as disputas por significados, pois, os/as docentes reconheceram o caráter limitado do livro didático na abordagem da temática gênero e sexualidade. Os resultados apontam, ainda, que estes/as docentes não apresentavam a intenção de discutir tal temática, no entanto, mediante os relatos das vivências dos/das alunos/as, repensaram sobre o currículo previamente idealizado. Nesse sentido, os/as alunos/as, tencionando a discussão das questões de gênero e de sexualidade, para além dos aspectos biológicos, contribuíram diretamente para que outras configurações curriculares ocorressem.

Palavras-chave: Currículo. Livro didático de Biologia. Sexualidade.

Recebido em: 30/08/2021

Aceito em: 14/12/2021

Publicação em: 22/12/2021



Revista Espaço do Currículo

ISSN 1983-1579

Doi: 10.15687/rec.v14i3.60710

<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php>

Celina Gabriela Leite Bomfim

Mestre em Educação

Professora da Rede de Educação do
Estado da Bahia, Brasil.

E-mail: bomfim.celina@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5200-0959>

Edinaldo Medeiros Carmo

Doutor em Educação

Professor da Universidade Estadual do
Sudoeste da Bahia, Brasil.

E-mail: medeirosed@uesb.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1594-8983>

Como citar este artigo:

BOMFIM, C. G. L; CARMO, E. M. TECENDO CONSIDERAÇÕES SOBRE O CURRÍCULO AO DISCUTIR GÊNERO E SEXUALIDADE COM DOCENTES DE BIOLOGIA. **Revista Espaço do Currículo**, v. 14, n. 3, p. 1-12, 2021. ISSN2177-2886. DOI: <https://doi.org/10.15687/rec.v14i3.60710>.

Abstract: The present article is the output of a research in the field of curriculum, aimed to understand how the curriculum –as practiced by Biology teachers- addresses issues of gender and sexuality. This is a qualitative research, in which the data were produced through semi-structured interviews with five teachers and analyzed using Textual Discursive Analysis. The focus of the analysis on the curriculum and its relation with the textbook, show as results the disputes for meanings, since the teachers recognized the limited nature of the textbook in dealing with the themes of gender and sexuality. The results also point out that these teachers had no intention of discussing this theme, however, through the reports of the students' experiences, they revisited the previously idealized curriculum. In this sense, the students, by intending to discuss gender and sexuality issues beyond the biological aspects, have directly contributed for other curricular configurations to occur.

Keywords: Curriculum. Biology textbook. Sexuality.

Resumen: El presente artículo es producto de una investigación en el campo del currículo con el fin de comprender cómo el currículo practicado por los profesores de Biología aborda las cuestiones de género y sexualidad. Se trata de una investigación cualitativa, con datos producidos a través de entrevistas semiestructuradas con cinco profesores y analizados mediante Análisis Textual Discursivo. Al colocar como foco de análisis el currículo practicado y su relación con el libro de texto, los resultados demuestran las disputas por los significados, pues los profesores reconocieron el carácter limitado del libro de texto en el abordaje de la temática de género y sexualidad. Los resultados también señalan que estos profesores no tenían la intención de discutir este tema, sin embargo, a través de los informes de las experiencias de los estudiantes, los llevaron a repensar el plan de estudios previamente idealizado. En este sentido, los estudiantes, con la intención de discutir cuestiones de género y sexualidad más allá de los aspectos biológicos, contribuyeron directamente a otras configuraciones curriculares.

Palabras clave: Plan de estudios. Libro de texto de biología. Sexualidad.

1 INTRODUÇÃO

Carregado de múltiplos significados, o termo currículo pode ser considerado polissêmico, pois, provavelmente, se questionarmos um/a aluno/a, um/a professor/a, um pai ou uma mãe, um/a estudioso/a da área e um/a governante, cada um/a pode dar definições distintas para esta palavra. Nesta ciranda de definições, o “apreender sentidos” soa como uma ilusão. Desta forma, acreditamos ser mais oportuno compreender as diversas relações que permeiam a palavra “currículo” e as influências que possam gerar nas diferentes formas de se relacionar com a vida.

Assim, Lopes e Macedo (2011) destacam que não é simples responder à pergunta “o que é currículo?”, e, mais do que apontar algo que lhe seja intrínseco, consideram ser necessário compreender os acordos sobre os sentidos de tal termo, tendo-os como parciais e localizados historicamente.

Ter essa compreensão a respeito do currículo, mas em especial, concebê-lo como um processo de constantes desconstruções marcadas por conflitos e instabilidades, possibilita aos profissionais da educação despertarem para a importância de seus posicionamentos frente a essas negociações, com isso trazer elementos para pensar sua prática curricular como ato político. Nesse sentido, Lopes e Macedo (2011, p. 42) destacam que “[...] o currículo é um texto que tenta direcionar o ‘leitor’, mas que o faz apenas parcialmente”. Desse modo, concebemos o currículo como um texto capaz de direcionar, mas não de determinar as ações dos atores no processo educativo, atores estes que devem questionar os discursos e as relações de poder impostas.

Trazer para a discussão tais considerações, é importante por defendermos uma construção colaborativa do currículo. Neste sentido, sua construção se dá nos diferentes espaços da escola, a cada dia, por meio da mediação entre as orientações curriculares, prática pedagógica dos/as professores/as e a atuação dos demais indivíduos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, em que são negociados diferentes significados no tempo e no espaço, em função das diversas culturas. Assim, defendemos que o currículo, para ser compreendido, precisa que adentremos nas inúmeras relações que ele estabelece com a vida.

Entendemos, ainda, que, assim como o significativo currículo, os termos gênero e sexualidade são atravessados por complexas relações de poder, desta forma, também podemos analisá-los como campos de disputa por significados. Segundo Louro (2010), foi por intermédio do movimento feminista que o termo gênero passou a ser usado de forma distinta do sexo, de modo a desvincular o determinismo biológico presente neste último termo. A intenção foi fazer com que o conceito de “gênero” fosse associado às práticas sociais e, desta forma, tomado como um processo histórico. Nesse sentido, Scott (1995), ao empreender esforços para fazer do gênero uma categoria analítica, além de negar o determinismo biológico, denunciou como esse mecanismo tentou naturalizar uma superioridade do homem em relação às mulheres. Esses questionamentos levaram a uma transformação nos estudos feministas, fazendo pensar no conceito de gênero de modo relacional e plural.

Contudo, Louro (2010) ressalta que, apesar dessa característica social e relacional do conceito, não devemos pensá-lo como mera execução de papéis masculinos e femininos, pois isso, poderia pressupor em conjunto de regras arbitrárias estabelecidas pela sociedade. A intenção, segundo a autora, é fazer com que o gênero seja compreendido como parte da identidade dos sujeitos. Desse modo, como “[...] algo que transcende o mero desempenho de papéis, a ideia é perceber o gênero *fazendo parte* do sujeito, constituindo-o” (LOURO, 2010, p. 29, grifo da autora). Cabe destacar que, quando se pensa em identidade, defende-se a ideia de identidade como um processo em contínua construção e transformação, atravessada por diferentes discursos, representações, sujeitos, símbolos, sempre provisórios. Assim, partimos do entendimento de gênero como uma construção social e histórica dos sexos, mas que está sujeito a constantes processos de construções e desconstruções.

No que tange à sexualidade, Louro (2018, p. 12) a compreende como um processo que também é atravessado por construções sociais e históricas e, admite que a sexualidade é marcada por “Processos profundamente culturais e plurais”. Para a autora, as possibilidades de expressar os desejos e prazeres vêm sendo moldadas pelas relações de poder na sociedade. Um dos teóricos que se destaca nesta discussão é Foucault. Em sua obra *História da Sexualidade – a vontade de saber*, Foucault (2015) ressalta o quanto a sexualidade foi e é utilizada como um dispositivo de poder em nossa sociedade, contudo, apresentando não uma estratégia única, mas diferentes manobras, no intuito de controlar as relações entre diferentes corpos. De acordo com Foucault (2015, p. 112),

Ela aparece mais como um ponto de passagem particularmente denso pelas relações de poder; entre homens e mulheres, entre jovens e velhos, entre pais e filhos, entre educadores e alunos, entre padres e leigos, entre administração e população. Nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados da maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias.

Desse modo, questões de gênero e sexualidade atravessam a todos em diversos aspectos do cotidiano, na escola não seria diferente. A própria estrutura escolar, seus modos de organizar as atividades, seus currículos e as pessoas que a constituem revelam limitações do que deve (ou não) ser verbalizado, sentido e/ou vivenciado a respeito dos processos de identificação de gênero e da sexualidade.

Nesse âmbito, Bento (2011) anuncia que, desde o nascimento de uma criança, há toda uma tecnologia discursiva a fim de que esse corpo venha a reproduzir o gênero para o qual foi designado e ressalta que a escola é uma das principais instituições nesse processo. Ainda segundo esta autora, estamos sujeitos a tecnologias discursivas de controle que, considerando as práticas sexuais na esfera do privado, acabam utilizando do gênero para o controle da sexualidade. Diante disso, entendemos que há um entrelaçamento das questões de gênero e da sexualidade, entretanto, reconhecemos como aspectos distintos da vida e da formação de um indivíduo.

Ter essa perspectiva das questões de gênero e da sexualidade como mecanismos de controle, além do olhar direcionado ao espaço escolar, remete ao filósofo Foucault (2015) ao analisar como o

conhecimento a respeito da vida passou a ser utilizado como mecanismo de controle dos corpos, o que permitiu delinear uma íntima relação entre os fatores biológicos e o campo político. Desta forma, reitera que “[...] os processos da vida são levados em conta por procedimentos de poder e de saber que tentam controlá-los e modificá-los” (FOUCAULT, 2015, p. 153).

Assim, começamos a tecer considerações a respeito das questões de gênero, sexualidade e currículo. Consideramos que compreender essas relações, entender os mecanismos de poder nos quais os currículos estão envolvidos, os processos de normalização e as construções históricas as quais estão vinculados, é um bom começo para questionar as influências destas categorias no processo de formação de cada indivíduo e em suas vivências.

Desta forma, julgamos importante questionar as práticas e os discursos sobre as questões de gênero e sexualidade no ambiente escolar e, mais especificamente, ao/a professor/a de Biologia. Em um levantamento realizado por Soares e Almeida (2016), analisando Grupos de Trabalho (GT) da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), entre os anos de 2004 a 2013, estes autores constataram uma reduzida abordagem da temática gênero e sexualidade no contexto das práticas pedagógicas relacionadas ao ensino de Ciências. Assim, partimos do pressuposto de que é preciso repensar currículos, práticas pedagógicas e demais ações na escola que não problematizam os padrões de gêneros e de orientação sexual impostos, sem respeito à diversidade de formas de ser e de se relacionar no mundo.

Louro (2010) ressalta ser preciso aguçar todos os sentidos no intuito de perceber as múltiplas influências na constituição dos sujeitos, presentes nas formas de organização e no fazer cotidiano da escola. Assim, entendemos também a importante atuação política do/a docente frente aos diversos aspectos relacionados ao currículo.

Por concebermos o currículo como um campo de disputa de significações, discursos e poderes que se modificam no tempo e no espaço, é que acreditamos ser inerente aos/as professores/as, o ato de se posicionar. Neste aspecto, por meio de sua prática curricular, entendemos que o/a professor/a tanto pode vir a perpetuar padrões, como também pode questionar imposições a respeito das questões de gênero e de sexualidade. Em vista disso, a atuação docente pode contribuir para a existência e permanência dos diferentes indivíduos na escola, assim, fazer deste um espaço de fato democrático. Diante deste contexto é que buscamos compreender como o currículo praticado por professoras e professores de Biologia aborda as questões de gênero e de sexualidade.

2 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, desenvolvida no âmbito do mestrado em Educação e visou compreender como o currículo praticado por professores e professoras de Biologia aborda as questões de gênero e de sexualidade. No que se refere à abordagem qualitativa, Minayo (2015) assevera que pesquisas com esta abordagem buscam dar respostas a demandas particulares, relacionadas a questões sociais e não podem ou não deveriam ser quantificadas. Com destaque para aspectos relacionados à natureza humana,

[...] ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (MINAYO, 2015, p. 21).

Esta pesquisa teve como campo empírico escolas públicas da cidade de Vitória da Conquista, Bahia. Segundo informações do Núcleo Territorial de Educação (NTE 20)¹, o município de Vitória da Conquista possui 17 (dezessete) unidades escolares públicas que ofertam o Ensino Médio, as quais atendem cerca

¹ A Secretaria de Educação da Bahia está estruturada em subunidades e atende pequenas microrregiões, chamadas de Núcleos Territoriais de Educação. Ao todo, o Estado da Bahia possui 27 NTE. O município de Vitória da Conquista pertence ao NTE 20.

de 10.664 (dez mil, seiscentos e sessenta e quatro) alunos/as para esta etapa da Educação Básica (BAHIA, 2019). Este recorte (escola de Ensino Médio e pública) foi feito visto que o interesse pela proposta de pesquisa aqui apresentada teve início justamente em um ambiente com estas características. Dentro deste universo, entramos em contato com cinco escolas, com a intenção de ter ao menos um/a colaborador/a por unidade escolar.

No que tange aos/as colaboradores/as da pesquisa, os/as docentes foram selecionados de acordo com os seguintes critérios: (1) ser professor/a efetivo/a de uma escola pública de Ensino Médio; (2) ter a formação específica para o ensino de Biologia; e que (3) estivesse disposto/a colaborar com a pesquisa. Para tanto, propomos que o/a professor/a refletisse sobre a sua forma de organização curricular, com base na análise das relações construídas com pares, alunos/as e demais participantes da comunidade escolar, os contextos em que se vive, ou seja, no processo enquanto construção social.

Os/as cinco professores/as que aceitaram participar ratificaram seu desejo em colaborar com a pesquisa mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Com o consentimento dos/as professores/as, as entrevistas foram gravadas para posterior transcrição. Os/as entrevistados/as receberam nomes fictícios no intuito de preservar o anonimato, conforme orientações do Comitê de Ética em Pesquisa.

Na presente investigação foi utilizada a entrevista semiestruturada. Esta é classificada como aquela que “[...] combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada” (MINAYO, 2015, p. 64). Por ser um instrumento de produção de dados relativamente flexível, mostrou-se adequada para identificarmos nuances na organização curricular dos/as participantes sobre a temática gênero e sexualidade. De posse das transcrições das entrevistas, demos início a um longo processo de sistemáticas leituras desse material de modo a favorecer a análise desses textos.

Na análise, utilizamos a Análise Textual Discursiva (ATD). Moraes e Galiuzzi (2011) reconhecem que ATD é uma metodologia que apresenta características entre os extremos da Análise de Conteúdo e da Análise de Discurso. O autor e a autora recomendam alguns passos na realização da ATD, a saber: 1 – Desmontagem dos textos; 2 – Estabelecimento de relações; 3 – Captando o novo emergente; 4 – Um processo auto-organizado.

Segundo os autores, do primeiro ao terceiro passo são constituídos, respectivamente, por: fragmentar o texto em unidades referentes aos fenômenos estudados, processo que atribuem o nome de “unitarização”; o segundo busca relacionar as unidades de base, estabelecidas no primeiro passo, em categorias; o terceiro, por meio da imersão provocada pelos processos anteriores, promove uma compreensão renovada do todo, na qual o esforço em explicitar essa nova compreensão gera um metatexto.

Esses três primeiros passos constituem um ciclo de análise. Moraes e Galiuzzi (2011) ressaltam que esse conjunto de movimentos entre a desconstrução/ reconstrução/emergência de novas compreensões constituem um processo de aprendizagem viva, por eles denominado de “um processo auto-organizado”, referenciado no quarto passo. Assim, Moraes e Galiuzzi (2011) consideram ser por meio da desordem que há a possibilidade de formação de novas ordens, de novas compreensões, entretanto, consideram ainda que sempre haverá a possibilidade de construção de novos sentidos.

Deste modo, tendo executado todas as etapas do processo analítico, apresentaremos, a seguir, alguns “achados” do percurso investigativo. Nesse sentido, ao buscarmos compreender como o currículo praticado por professoras e professores de Biologia se relaciona com as questões de gênero e de sexualidade, uma das categorias que emergiu dos dados está relacionada à **Organização curricular mediada pelas questões de gênero e de sexualidade**. Neste texto, optamos por apresentar os dados em que a análise incide sobre a subcategoria “Entre o dito e o não dito no livro didático”.

3 ORGANIZAÇÃO CURRICULAR MEDIADA PELAS QUESTÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADE

Ao tecer considerações sobre o currículo, partimos do pressuposto de não aprisionar significados, entendendo-o como capaz de assumir aspectos particulares nas diferentes relações que o constitui. Desse modo, os significados que fomos atribuindo ao currículo ao longo deste texto não têm a pretensão de serem totalizantes, apenas sinalizamos significações que reconhecemos como contingenciais e provisórias, podendo ser desconstruídas a cada momento. Assim, os estudos curriculares vêm definindo a palavra currículo de formas distintas, contudo, várias dessas distinções vêm entrelaçadas ao cotidiano escolar, de modo que ele pode ser compreendido desde os guias propostos pelas redes de ensino, àquilo que acontece em sala de aula.

Ao indagarmos os/as professores e professoras de Biologia sobre questões relacionadas a gênero, sexualidade e ao ensino de Biologia, enquanto componente curricular do Ensino Médio, percebemos um caráter limitado da abordagem dessa temática, entretanto, houve também, por parte dos/as alunos/as, de acordo com o relato dos/as docentes, um desejo de que o debate a respeito da formação do ser humano fosse além dos aspectos biológicos, muitas vezes, evidenciado nos livros didáticos.

3.1 Entre o dito e o não dito no livro didático

Ao partirmos do pressuposto de que o currículo é uma “[...] prática de significação, de atribuição de sentidos”, conforme Lopes e Macedo (2011, p. 41), e do reconhecimento de uma vasta produção de textos com a intenção de direcionar práticas docentes, os diferentes textos podem ser considerados como parte do currículo. No entanto, é necessário que se analise os possíveis sentidos que lhes são atribuídos.

O livro didático pode ser compreendido como um importante dispositivo pedagógico no cotidiano escolar, também, com potencial para direcionar as práticas, tal dispositivo constitui uma das instâncias do currículo. Nesse sentido, Zabala (1998) reconhece como instrumentos curriculares todo e qualquer material que subsidie a ação pedagógica do/a docente. Segundo esse autor, compreende-se por materiais curriculares “[...] todos aqueles instrumentos que proporcionam ao educador referências e critérios para tomar decisões, tanto no planejamento como na intervenção direta no processo de ensino/aprendizagem e em sua avaliação” (ZABALA, 1998, p. 167).

Devido à importância do livro didático no cenário escolar, como um influenciador de práticas, questionamos aos/as docentes a respeito dos materiais que utilizam, como por exemplo, o livro didático. Procuramos saber se o livro didático costuma fazer menção à diferença nas questões relacionadas à identificação de gênero e de orientação sexual, como os/as alunos/as reagem a esse respeito e, em contrapartida, como os/as professores/as lidavam com essa situação. Destacamos fragmentos como “você está lá no XX, XY e eles puxarem [...]” e “ele [o livro didático] traz mais fechado mesmo” como unidades de sentido para a discussão da subcategoria “Entre o dito e o não dito no livro didático”.

Ao perguntar se no livro didático há alguma abordagem sobre as diferentes formas a respeito da identificação de gênero e de orientação sexual, a professora Norma fez uma breve análise dos conteúdos do 1º ao 3º ano do Ensino Médio, por fim, afirmou que nunca viu algo que remetesse às diferentes identificações de gênero e de orientação sexual. Continuamos a insistir na pergunta, questionando a docente a respeito dos/as alunos/as, buscando saber se já houve, por parte dos/as alunos/as, algum questionamento que fugisse do que estava posto no livro didático. Nesse momento, a docente começou a revelar aspectos em torno das diferenças para além dos padrões heteronormativos do sexo biológico e de orientação sexual. Pelo relato da docente, percebemos que os/as alunos/as foram os/as responsáveis para que tais temáticas fossem abordadas no currículo praticado por esta professora. Noutro momento da entrevista destacou:

Já aconteceu de perguntarem sobre hermafroditismo na espécie humana. [...] e aí puxar, na verdade, para questão da sexualidade. Você está lá no XX, XY e eles puxarem: “Então por que têm mulheres que gostam de mulheres e homens que gostam de homens?” [se referindo a uma das perguntas dos/as alunos/as] (Professora Norma).

Constatamos, pelo relato da professora Norma, que a temática em questão gera muitas inquietações nos/as alunos/as. Ficou claro também que Norma possibilitou que a discussão se

prolongasse. Contudo, vale ressaltar que Norma não levou em consideração os aspectos multifacetados da sexualidade. O contexto por ela apresentado, a todo momento, parece remeter a aspectos meramente biológicos da sexualidade, de modo que não foi promovida uma discussão atrelada às questões afetivas, culturais ou sociais, por exemplo.

Em uma pesquisa sobre a abordagem das diversidades sexuais e de gêneros na escola com professoras de Ciências e Biologia, Castro e Reis (2019) relatam um resultado que se aproxima ao relato de Norma. Segundo estes autores, as professoras apresentavam certa abertura para a temática, tentando escapar da rigidez imposta pelos conteúdos programáticos das disciplinas. Entretanto, acabavam acionando algumas concepções que os autores consideram como “pouco abaladas” para fazer uma diferenciação entre sexo e gênero. Para Castro e Reis (2019), as professoras, ao fazerem a distinção entre sexo e gênero, acionavam conceitos fundamentados nos aspectos biológicos.

A fala da professora Norma, ao anunciar o XX e XY, parece se referir a territórios incontestáveis. Nesse sentido, Foucault (2015) denuncia como o conhecimento biológico vem servindo ao dispositivo da sexualidade e reforçando os processos de normalização, assim, ressalta que “[...] certos conteúdos da biologia e da fisiologia puderam servir de princípio de normalidade à sexualidade humana” (FOUCAULT, 2015, p. 168). Diante dessa questão, o estado da arte realizado por Silva e Oliveira (2020) acerca dos aspectos do currículo, da sexualidade e da ação docente, corroboram o nosso achado. Os trabalhos analisados por esse/as autores/as evidenciam como o viés biológico vem sendo reforçado no âmbito escolar, em especial nas disciplinas de Ciências e Biologia, as quais, muitas vezes, não possibilitam uma discussão da temática de gênero ou identidades sexuais para além da heteronormatividade. No entanto, no contexto do presente estudo, os/as alunos/as interagiram com o conteúdo que estava sendo trabalhado e resinificaram o currículo, ao questionar o que está posto no livro didático, por não contemplar as suas vivências. Esse movimento demonstra o quanto o currículo é também um espaço de disputas e de interesses.

Ao que parece, a professora Norma realizava seu trabalho de forma acrítica, já que reproduz padrões. Contudo, o hábito de pensar na lógica das Ciências da Natureza pode fazer com que nos afastemos da condição mais diferencial dos seres humanos em relação aos demais seres vivos: a sociabilidade e a racionalidade. Macedo (2007) alerta que o discurso da ciência escolar, ao pregar essa diferença biologizante entre os corpos masculino e feminino, pautadas basicamente no aparelho reprodutor e na estrutura cromossômica dos sexos, traz como consequência a desvinculação dessas diferenças das estruturas sociais e simbólicas nas quais estão inseridas. Assim, Macedo (2007) reitera como esse processo, além de controlar a subjetividade dos sujeitos, também reforça a heterossexualidade como a pauta principal.

Ainda a esse respeito, Paula e Miranda (2020, p. 04) ressaltam ser comum que os materiais didáticos apresentem uma abordagem sobre a sexualidade pautada no terror, relacionando a vida sexual “ao risco, às doenças e à gravidez não planejada”, desconsiderando aspectos como o prazer, o respeito ao outro, a autoestima, entre tantos outros enfoques que podem estar relacionados à sexualidade. Da análise que realizaram do material didático de Ciências voltados para professores/as e alunos/as da 7ª série/8º ano do ensino fundamental do estado de São Paulo, mais especificamente referente à situação de aprendizagem intitulada “Reprodução humana – corpo e órgãos”, as autoras alegam ter uma incongruência entre o material destinado aos/as professores/as em comparação ao material destinado para os/as alunos/as.

Segundo Paula e Miranda (2020, p. 10), apesar do material destinado ao professor oportunizar a abordagem das diversas dimensões da sexualidade humana, na situação de aprendizagem supracitada e no material voltado para os/as alunos/as, a abordagem da sexualidade era restrita a dimensão biológica. As autoras consideraram esse fato como prejudicial para ambos, ao “[...]educador/a que não tem suporte para tratar dos temas, uma vez que o material do aluno é mais conciso, quanto para os alunos que podem não ter acesso a uma visão mais complexa da sexualidade na escola”. Acreditamos que situações como estas venham a reforçar a abordagem da sexualidade pautadas, apenas, nos aspectos biológicos por parte dos/as educadores/as.

Nesse sentido, Silva e Cicillini (2009) destacam que as Ciências Biológicas e a Biologia escolar, nesse jogo de produzir discursos com valor de verdades, participam dos processos de produção do ser humano e de como isso gerou efeitos sobre os corpos. Esses discursos impostos geraram um poder de vigilância que controla a todos de modo a se encaixarem no que as autoras chamam “visibilidade ampliada”. Elas ressaltam que “[...] o olhar controlado força os homens a se transformarem numa imagem que se encaixe no todo e possa satisfazer as exigências de uma visibilidade ampliada” (SILVA; CICILLINI, 2009, p. 164).

As autoras alertam, ainda, ao fato de como esse processo tem como finalidade a produção de um certo tipo de sujeito humano, assim, evidenciam que “Nesse jogo, as pessoas aceitam perder as corporalidades multidimensionais de suas vidas e perderem-se do outro que constituem” (SILVA; CICILLINI, 2009, p. 164). Nesse contexto, o corpo como lugar de desejos, de pertencimentos culturais, étnico/raciais vai sendo sucumbido. Assim, Silva e Cicillini (2009) reiteram como as propostas curriculares podem servir como uma maquinaria de produzir os projetos da modernidade.

Contudo, chama a atenção a reação dos/as alunos/as frente ao que está posto no livro didático, ao sentirem que o livro não contemplava a multiplicidade de vivências a respeito da sexualidade, dos corpos e de suas características, por isso não se calaram e trouxeram seus questionamentos frente ao que estava sendo posto. Deste modo, defendemos o currículo como uma interseção de forças, verifica-se que não havia a pretensão da docente em conduzir a abordagem dos conteúdos para a temática da sexualidade, o próprio livro didático não trazia essa problemática, mas os/as alunos/as relacionaram os padrões cromossômicos às diferentes vivências e suscitaram a discussão da temática sexualidade na sala de aula.

Nesse sentido, a prescrição curricular materializada nos livros didáticos não foi capaz de conter as necessidades formativas dos alunos frente às questões de gênero e de sexualidade silenciadas no material didático e, também, na prática docente. É sabido que o currículo prescrito exerce relações de poder ao apresentar configurações e organizações para os conhecimentos de uma dada disciplina escolar e que estes tendem a controlar por meio do planejamento a prática pedagógica. No entanto, no contexto analisado, os alunos – também atores do processo de ensino –, por meio da participação, conseguiram apresentar suas demandas e instituir outro percurso formativo, escapando, assim, do prescrito no livro didático e da perspectiva de abordagem do tema que os professores haviam assumido inicialmente.

Ainda buscando compreender a percepção dos/as professores/as a respeito do livro didático, destacamos que a professora Rita, ao afirmar que o livro didático não aborda as questões de gênero e de sexualidade para além do biológico, ressaltou a característica limitadora do livro didático.

Olha, no livro didático... ele... para mim, ele traz mais fechado mesmo. Assim... Aquela coisa de apresentar os aparelhos reprodutores... esse é o corpo do homem, esse é o corpo da mulher, a questão de gravidez... de... ciclo menstrual [...] (Professora Rita).

Essa visão de Rita a respeito do corpo humano no livro didático coaduna com as visões de Silva (2005) e Ribeiro *et al.* (2016) acerca dos materiais didáticos de ciências e do corpo humano. Ribeiro *et al.* (2016) analisaram livros didáticos de Biologia brasileiros e manuais escolares de Ciências Naturais do 9º ano de escolaridade portuguesa. Nestas análises, constataram que na abordagem do sistema urogenital foi dada ênfase na reprodução humana e na diferenciação dos sistemas reprodutores masculino e feminino. Para Ribeiro *et al.* (2016), tais dados representam uma visão binária do sexo, do gênero e da sexualidade, o que limita a ampla variedade de formas de identificação e vivências dos indivíduos a respeito dos seus sexos, gêneros e sexualidades. Silva (2005), por sua vez, resalta que o corpo humano, nestes materiais didáticos, vem sendo analisado sob a perspectiva da biomedicina, de forma fragmentada e sem considerar os contextos em que estão inseridos. Nestes moldes a autora destaca como o corpo é trabalhado nos materiais didáticos de Ciências:

Os materiais didáticos que circulam nos espaços das salas de aulas de ciências na educação básica apresentam imagens de um corpo fragmentado, em que a sua anatomia e fisiologia, também fragmentas, são apresentadas de modo a estarem desconectadas de outras visões, ou, versões de corpo, tais como: a idade, o(s)

pertencimento(s) cultural(is), a expressão de desejo e sentimentos, a geração, a orientação sexual (SILVA, 2005, p. 145).

Consideramos importante essa visão crítica da professora Rita em relação ao livro didático, contudo, defendemos que esta visão deve vir acompanhada de uma ação. Assim, se há um reconhecimento da professora de que a abordagem sobre a temática no livro didático é limitada, deveria existir, também, uma contrapartida, de modo a suplementar os diferentes aspectos que a temática gênero e sexualidade pode possibilitar. No entanto, não foi o alegado pela professora. Considerando que os/as demais professores/as mencionaram que os/as alunos/as, no que tange aos conteúdos que possibilitem a discussão da temática gênero e sexualidade, sempre direcionam a discussão para além do que está previsto no livro didático, parece existir uma pressão por parte dos/as alunos/as para que esses/as professores/as se posicionem a respeito das diferenças na identificação de gênero e de orientação sexual, a fim de desenvolverem debates mais profundos, de maneira que corresponda um pouco dos seus anseios.

Três dos cinco professores/as entrevistados/as alegam que seus/suas alunos/as questionam para além do que está presente no livro didático e que muitos/as dos/as alunos/as trazem relatos, discussões e dúvidas sobre as questões biológicas. Quando os debates foram possibilitados, percebemos, pela fala dos/as professores/as, que os/as alunos/as buscam um posicionamento por parte desses/as professores/as. Interessante notar também a postura desses/as docentes, pois, em sua maioria, mostraram-se abertos a possibilitar esse debate em sala de aula, dando espaço aos anseios dos/as alunos/as, ainda que não se posicionassem abertamente sobre a temática.

Percebemos que o livro didático, apesar de ser um importante direcionador de práticas, ao mesmo tempo, torna-se limitado, pois há inúmeras questões de interesse do alunado que o livro didático não aborda de forma satisfatória e, a depender da prática dos/as professores/as, essas curiosidades, questões e interesses afloram e podem gerar ou não ricos debates em sala de aula. Nesse sentido, Ribeiro *et al.* (2016) destacam que não pretendem, com isso, negar a importância de se trabalhar os aspectos biológicos do corpo. Contudo, ressaltam haver um risco em se reduzir as informações científicas e fixar padrões de normalidade a respeito do corpo humano, pois isso contribui para uma exclusão das diferenças. De forma semelhante, no levantamento realizado por Silva e Oliveira (2020), os diferentes trabalhos analisados são contrários a uma abordagem que reduz as questões de gênero e sexualidade à reprodução, com isso, ressaltam a importância de se discutir as diversas possibilidades que essa temática permite. Nesse sentido, questionar os/as professores/as a respeito do livro didático, no que se refere à abordagem da temática gênero e sexualidade, foi muito importante, visto que ficaram evidentes nuances de como esse tema é abordado na sala de aula.

Assim, retomando a ideia de currículo como um campo de interação, mas, em especial de disputa de interesses, outros elementos surgiram de modo pontual em nossas análises. Aspectos relacionados a falta de formação desses/as docentes para abordar o tema em questão, receio por parte dos/as professores/as de serem mal compreendidos/as ao abordar temática em sala de aula, e, ainda, docentes que alegaram sofrer uma espécie de tensão institucional por membros da comunidade escolar, foram alguns aspectos relacionados à dificuldade desses/as docentes em explorar as questões de gênero e sexualidade na sala de aula para além dos aspectos biológicos. Desse modo, estes possíveis entraves acabaram configurando uma “zona de conforto” para alguns/as dos/as entrevistados/a que acabam enfatizando, somente, os aspectos biológicos para os quais se sentem preparados/as para abordar em sala de aula.

Contudo, apesar de o livro didático não atender a todos os interesses apresentados pelos/as alunos/as, assim como dos/as professores/as — por não apresentar as diferenças de identificação de gênero e de orientação sexual — houve uma contrapartida por parte dos/as alunos/as que conduziram a abordagem da temática. Por esse ângulo, analisando essas diferentes tensões que vão dando novos rumos ao currículo, esses dados remetem a Lopes e Macedo (2011) quando definem o currículo pela interseção entre diferentes discursos sociais e culturais, os quais, ao mesmo tempo que reiteram sentidos postos, os recriam. Desta forma, os/as alunos/as dos/as professores/as entrevistados/as atribuíram novos

sentidos aos conteúdos programáticos do componente curricular Biologia, relacionando-os com suas vivências fora do ambiente escolar.

Esses dados também remetem a Foucault (2010), ao alertar que o poder é algo que está difundido e que todos exercem sobre todos. Em vista disso, os/as alunos/as, ao demonstrarem suas dúvidas, questionando para além do que estava posto no livro didático e do que foi apresentado pelos/as professores/as, estavam dando novos direcionamentos ao currículo previamente idealizado. Nessa perspectiva, Foucault (2010) assevera que o poder se dá por meio das relações sociais em seus pequenos espaços do cotidiano. Assim, destacamos o poder que os/as alunos/as exercem no currículo praticado. No que se refere à abordagem da temática gênero e sexualidade, eles/elas foram os grandes responsáveis pelo enfoque das diferentes formas de identificação de gênero e orientação sexual no currículo pelos/as professores/as de Biologia nas escolas pesquisadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender o currículo como uma construção colaborativa requer analisá-lo nas suas mais complexas relações. Neste texto, demos enfoque às percepções do professor a respeito do livro didático e às situações que ocorreram na sala de aula frente à utilização deste dispositivo pedagógico. Entretanto, em alguns momentos nos referimos a questionamentos dos/as alunos/as que foram trazidos mediante o relato dos/as próprios/as docentes.

Procuramos desvendar de que forma as questões de gênero e de sexualidade atravessam o currículo praticado por professoras e professores de Biologia. Neste processo, percebemos que os professores e professoras de Biologia não abordaram de forma intencional as questões de gênero e de sexualidade, entretanto, os/as docentes alegaram que seus/suas alunos/as suscitaram a discussão desta temática em sala de aula.

O livro didático de Biologia, pela declaração dada pelos/as docentes, parece não ir além dos aspectos biológicos, e nem os/as próprios/as professores/as direcionaram suas práticas a fim de promover uma abordagem multifacetada sobre as questões de gênero e de sexualidade. Entretanto, os/as alunos/as traziam os “não ditos” do livro didático por meio de questionamentos e relatos relacionados às suas vivências.

Assim, compreendendo o currículo como um campo de disputa e de interesses, foi possível perceber, por meio do relato dos/as próprios/as docentes, que os/as alunos/as foram os/as grandes responsáveis para que a discussão desta temática fosse além dos aspectos biológicos. Os alunos e alunas, trouxeram questionamentos, inquietações e vivências que atravessaram a abordagem de diversos conteúdos do componente curricular de Biologia, tencionando para a discussão das questões de gênero e de sexualidade que extrapolassem os aspectos biológicos, em que foram envolvidas as diferentes formas de identificação de gênero e de orientação sexual.

Com isso, reiteramos que as escolas, professores/as e demais membros da comunidade escolar possibilitem debates envolvendo as questões de gênero e de sexualidade de forma a contemplar as vivências dos/as seus/suas alunos/as. Acreditamos que um bom começo para uma prática educativa comprometida com as diversidades sexual e de gênero é quebrar os silêncios, questionando os padrões tidos como “naturais/normais” e o porquê da não aceitação das diferenças. Defendemos que esses elementos devem configurar a prática docente cotidiana em que a oportunidade de abordagem da temática não deve passar despercebida.

Finalmente, cabe destacar que investigações dessa natureza podem contribuir para refletirmos sobre aspectos mais amplos do currículo, entendendo-o como uma complexa relação de forças em que não se pode deixar de considerar as vivências dos/as alunos/as. Desta forma, é preciso analisar o ser humano em meio a um emaranhado de relações, em seus modos de ser e estar no mundo. Diante disso, a educação deve ser compreendida como um processo intrincado em que é preciso relacioná-lo às diferentes vivências dos/as alunos/as, a fim de que seja um processo de fato significativo.

REFERÊNCIAS

- BAHIA. Secretaria Estadual de Educação. **Núcleo Territorial de Educação – 20 (NTE-20)**. Informações disponibilizadas via e-mail. Vitória da Conquista, Bahia. 05 de jul. 2019.
- BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 549-559, maio/ago. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2011000200016/19404> Acesso em: 10 jan. 2020.
- CASTRO, Roney Polato de; REIS, Neilton dos. “Eu comecei a dar uma aula mais biológica mesmo, porque é bem polêmico”: currículo de Ciências e Biologia e os atravessamentos de diversidade sexual e de gênero. **Ensino em Re-vista**, Uberlândia, v. 26, n. 1, p. 16-39, jan./abr. 2019. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/48426/25883> Acesso em: 15 dez. 2019.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.
- LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. **Teorias de currículo**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 11. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
- LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- MACEDO, Elizabeth. Um discurso sobre gênero nos currículos de ciências. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 32, n. 1, p. 45-58, jan-jun. 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/6659> Acesso em: 06 ago. 2019.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva**. 2. ed. rev. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.
- PAULA, Gabrielly Nunes; MIRANDA, Meiri Aparecida Gurgel de Campos. A abordagem de sexualidade e gênero na disciplina de ciências no currículo de São Paulo: análise dos cadernos do professor e aluno. **ACTIO: Docência em Ciências**, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 1-22, maio/ago. 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/Cliente/Downloads/10920-48529-1-PB.pdf> Acesso em: 08 dez. 2021.
- RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes; SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz; VILAÇA, Teresa. O ensino de biologia e suas articulações com as questões de corpos, gêneros e sexualidades. **Bio-grafia: Escritos sobre la Biología y su enseñanza**, Bogotá, v. 9, n. 16, p. 77-86, jan-jun. 2016. Disponível em: <https://revistas.pedagogica.edu.co/index.php/bio-grafia/article/view/4500/3714> Acesso em: 20 nov. 2020.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667> Acesso em: 10 ago. 2019.
- SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz. Quando o corpo é uma (des)construção cultural. In: MARANDINO, Martha; SELLES, Sandra Escovedo; FERREIRA, Marcia Serra; AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues. (Org.). **Ensino de Biologia: conhecimentos e valores e disputa**. Niterói: Eduff, 2005.
- SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz; CICILLINI, Graça Aparecida. Cultura, educação e produção curricular na Biologia: o tema corpo humano como pretexto. In: SELLES, S. E.; FERREIRA, M. S.; BARZANO, M. A. L.; SILVA, E. P. Q. (Org.). **Ensino de Biologia: histórias, saberes e práticas formativas**. Uberlândia: EDUFU, 2009.

SILVA, Leonardo Agostinho da; OLIVEIRA, Meyre-Ester Barbosa de. Currículo, Sexualidade e Ação docente: desdobramentos discursivos e os sentidos produzidos no contexto escolar. **Revista Espaço do Currículo** (online), João Pessoa, v. 13, n. Especial, p. 820-833, dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/54710/32446> Acesso em: 17 jul. 2021.

SOARES, Alexandre Gomes; ALMEIDA, Daniel Manzoni de. Análise de trabalhos apresentados na ANPED (2004 a 2013) com a temática gênero e sexualidade no ensino das Ciências. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 82-96, jan./abr. 2016. Disponível em: [file:///C:/Users/Cliente/Downloads/6759-Texto%20do%20Artigo-33016-1-10-20160428%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Cliente/Downloads/6759-Texto%20do%20Artigo-33016-1-10-20160428%20(2).pdf) Acesso em: 08 dez. 2021.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.



Este obra está licenciado com uma Licença [Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).